

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS ZÉ DOCA
CURSO DE LETRAS

CLEUDIANE GAMA DA SILVA

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS
PÚBLICAS NEY BRAGA E PROF^a DINARE FEITOSA, DE BOM JARDIM - MA**

CLEUDIANE GAMA DA SILVA

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS
PÚBLICAS NEY BRAGA E PROF^a DINARE FEITOSA, DE BOM JARDIM - MA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão, para
obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eliúde Costa Pereira

Silva, Cleudiane Gama Da

Concepções de linguagem e prática docente nas escolas públicas Ney Braga e Profª Dinare Feitosa, de Bom Jardim - MA. / Cleudiane Gama Da Silva. – Zé Doca, MA, 2025.

53 f

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Zé Doca, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Eliúde Costa Pereira.

1.Concepções de linguagem. 2.Língua portuguesa. 3.Prática docente. I. Título.

CDU: 81'33(812.1)

Elaborado por Cássia Diniz - CRB 13/910

CLEUDIANE GAMA DA SILVA

**CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS
PÚBLICAS NEY BRAGA E PROF^a DINARE FEITOSA, DE BOM JARDIM - MA**

Monografia apresentada ao Curso de
Letras da Universidade Estadual do
Maranhão, para obtenção do grau de
licenciatura em Letras.

Aprovada em: 03/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ELIUDE COSTA PEREIRA**
Data: 10/02/2025 10:40:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eliúde Costa Pereira (Orientador)
Doutor em Linguística
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **ELIJAMES MORAES DOS SANTOS MUNIZ**
Data: 07/02/2025 09:35:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Elijames Moraes dos Santos Muniz
Doutora em Letras
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **ANDREZA LUANA DA SILVA BARROS**
Data: 07/02/2025 09:18:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Andreza Luana da Silva Barros
Mestra em Linguística
Universidade Estadual do Maranhão

Com o coração cheio de gratidão, dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder sabedoria, paciência e serenidade para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, prof. Dr. Eliúde Costa Pereira, por toda a orientação, paciência e por sempre acreditar no meu potencial.

Aos meus pais, por todo esforço que fizeram para que eu chegasse a este patamar de minha vida.

Ao meu esposo, que sempre me apoiou nesse longo percurso da graduação.

Aos meus amigos, que não mediram esforços quando eu precisei de ajuda.

À gestão das escolas nas quais esta pesquisa foi realizada e, em especial, aos professores das turmas em que os dados foram coletados e aos estudantes que participaram deste estudo.

Ao meu caro pai espiritual, frei Felipe Torres, OFMConv, por todos os conselhos e por sempre ter estado por perto me incentivando a nunca desistir dos meus objetivos.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com essa etapa de minha formação.

“A educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”.

Paulo Freire

RESUMO

A presente monografia trata das concepções de linguagem na prática docente, voltando-se à questão relativa a como essas concepções influenciam e norteiam as práticas pedagógicas dos docentes, levando em conta que o modo como estes lidam com a linguagem inegavelmente influencia suas práticas pedagógicas. Para tanto, estabeleceu-se como objetivo geral analisar como professores de Língua Portuguesa da etapa final da Educação Básica compreendem as concepções de língua(gem) e as aplicam na prática pedagógica e, conseqüentemente, como isso reflete na forma como os alunos lidam com essa disciplina. A pesquisa teve como suporte teórico autores como Bakhtin/Volochinov (2006), Geraldi (2011), Koch (2003, 2007), Travaglia (2008), amparando-se também em documentos oficiais como: Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs (Brasil, 2013) e Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Brasil, 1997). Trata-se de pesquisa de natureza exploratória, quanto aos objetivos, e de campo quanto aos procedimentos, com análise dos dados seguindo abordagem quanti-qualitativa, com a coleta de dados realizada em duas escolas públicas que atendem os Anos Finais do Ensino Fundamental. Os resultados obtidos indicam que, dependendo da concepção de linguagem adotada pelos docentes, os alunos tendem a se envolver de maneira mais ativa nas atividades didático-pedagógicas propostas e, considerando esse aspecto motivador, estabelecem maior proximidade com a disciplina Língua Portuguesa, sendo que isso, sem dúvida, influencia na relação dos alunos com a(s) linguagem(ns).

Palavras-chave: concepções de linguagem; língua portuguesa, prática docente.

ABSTRACT

This monograph deals with the conceptions of language in teaching practice, focusing on the question of how these conceptions influence and guide the pedagogical practices of teachers, taking into account that the way they deal with language undeniably influences their pedagogical practices. To this end, the general objective was to analyze how Portuguese language teachers in the final stage of Basic Education understand the conceptions of language and apply them in pedagogical practice and, consequently, how this reflects on the way students deal with this discipline. The research had as theoretical support authors such as Bakhtin/Volochinov (2006), Geraldi (2011), Koch (2003, 2007), Travaglia (2008), also supported by official documents such as: National Common Curricular Base – BNCC (Brazil, 2018), National Curriculum Guidelines – DCNs (Brazil, 2013) and National Curriculum Parameters – PCNs (Brazil, 1997). This is an exploratory research, in terms of objectives, and field research in terms of procedures, with data analysis following a quantitative-qualitative approach, with data collection carried out in two public schools that serve the Final Years of Elementary School. The results obtained indicate that, depending on the conception of language adopted by the teachers, the students tend to be more actively involved in the proposed didactic-pedagogical activities and, considering this motivating aspect, establish greater proximity with the Portuguese Language discipline, and this undoubtedly influences the relationship of the students with the language(s).

Keywords: conceptions of language; Portuguese language, teaching practice.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM.....	14
2.1	Concepções de linguagem em documentos orientadores de ensino.....	18
2.1.1	A linguagem nos PCNs	19
2.1.2	A linguagem nas DCNs	22
2.1.3	A linguagem na BNCC	23
2.2	Concepções de linguagem e prática docente	25
3	METODOLOGIA	30
3.1	Caracterização da pesquisa	30
3.2	Universo da pesquisa	31
3.3	Procedimentos	31
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.1	Perspectiva docente	33
4.2	Perspectiva discente	38
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICES.....	48

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a linguagem foi vista sob diferentes perspectivas, disso resultando concepções de linguagem diversas, com cada uma delas apresentando reflexos no ensino-aprendizagem de qualquer língua. De fato, a forma como o professor concebe a linguagem exerce impactos em sua prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem de línguas, nas diferentes etapas: planejamento, execução e avaliação.

Nesse sentido, a presente pesquisa investigou a relação entre concepções de linguagem e prática docente em duas escolas públicas do município de Bom Jardim – MA, mais precisamente sobre como os professores de Língua Portuguesa exploram essas concepções em suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, como isso influencia na recepção e no desempenho dos alunos em relação à disciplina.

Compreende-se que a linguagem é a capacidade que o homem possui de comunicar suas ideias e sentimentos a outras pessoas, o que se efetiva por meio de gestos, sons, palavras etc. (Pokorski, Pokorski, 2012). Dessa forma, é por meio dela que o processo de comunicação e interação acontece, sendo que este está sujeito a mudanças em decorrência das transformações de cunho histórico-social.

Nessa esteira, a forma como a linguagem foi vista ao longo do tempo, deu origem, de modo geral, a três concepções distintas: expressão do pensamento; instrumento de comunicação; lugar/forma de interação.

Autores como Koch (2003, 2007), Geraldi (2011), Travaglia (2008), entre outros, por exemplo, exploram sobre essas concepções e o impacto que elas têm para o ensino de Língua Materna, de modo que tais teóricos foram utilizados no aporte teórico da presente investigação.

No âmbito legal/oficial, os documentos orientadores de ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1997), as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs (Brasil, 2013), e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) também tratam dessa questão, indicando a perspectiva que deve ser adotada pelos docentes no tratamento da(s) linguagens nas práticas pedagógicas, tendo em vista que elas influenciam, entre outros aspectos, o processo ensino-aprendizagem de Língua Materna.

Levando isso em consideração, a pesquisa foi norteadada pela seguinte questão geral: Qual(is) concepção(ões) de linguagem predomina(m) nas práticas

pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa participantes da pesquisa e como essa(s) concepção(ões) influencia(m) na recepção da disciplina pelos alunos?

Desse modo, ao se propor investigar como professores de Língua Portuguesa lidam com as concepções de linguagem em suas práticas docentes, assim como, os impactos disso na recepção da disciplina pelos alunos, a presente pesquisa ganha relevância, pois resultados de investigações dessa natureza podem contribuir para ampliar a reflexão sobre as práticas de ensino de Língua Materna, no caso específico, de Língua Portuguesa, de modo a, quiçá, aprimorá-las, favorecendo a melhoria da aprendizagem e desempenho dos alunos, em especial no desenvolvimento das habilidades linguístico-interacionais essenciais.

Com base nessa questão norteadora, o objetivo geral deste trabalho se constitui em analisar como professores de Língua Portuguesa que atuam na etapa final do Ensino Fundamental, no município de Bom Jardim – MA, compreendem as concepções de linguagem e as aplicam na prática docente e, conseqüentemente, qual o reflexo disso na forma como os discentes lidam com a disciplina.

Como objetivos específicos, delinearam-se os seguintes: investigar a compreensão das concepções de linguagem por parte de professores de Língua Portuguesa da etapa final do Ensino Fundamental; identificar a(s) concepção(ões) de linguagem predominante(s) na prática dos professores, público-alvo desta pesquisa; relacionar a forma como professores de Língua Portuguesa exploram as concepções de linguagem na prática docente com o modo como os alunos lidam com a disciplina.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de pesquisa exploratória, quanto aos objetivos, e de campo, em relação aos procedimentos, envolvendo coleta de dados em duas escolas públicas do município de Bom Jardim - MA. O tratamento dos dados seguiu abordagem com caráter quanti-qualitativo, permitindo uma análise mais aprofundada das informações obtidas.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo é dedicado à introdução, em que se apresenta o contexto do estudo: sua importância, os objetivos, além dos teóricos/autores que fundamentaram esta pesquisa. O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica, dividida em subtópicos, abordando: as concepções de linguagem; a perspectiva de trabalho com a linguagem presente em documentos como: PCNs, DCNs e BNCC; a relação entre concepção de linguagem e a prática docente. O terceiro capítulo trata da metodologia, em que são descritos os participantes, o contexto de investigação e os procedimentos de coleta de dados. O

quarto capítulo é dedicado aos resultados e discussão, dividido em subseções que descrevem as visões dos professores e dos alunos sobre a relação entre concepções de linguagem e ensino de Língua Portuguesa. Por fim, o quinto capítulo consiste na conclusão do trabalho, seguido de referências e apêndices.

2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Quando se fala em linguagens, logo se pensa em um conjunto de ações que são realizadas para que elas se materializem, tais como falas, gestos, escritas etc. Elas constituem sistemas de comunicação que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento humano, contribuindo para a construção da identidade de um povo, de modo que o ensino de língua materna acaba se constituindo um ponto central no processo educacional.

Ao se discutir a natureza da linguagem, tanto autores, a exemplo de Saussure (2008), Dellagnelo e Rozzarti (2011), como também documentos orientadores do processo ensino-aprendizagem, caso dos PCNs (Brasil, 1997), apresentam diferentes perspectivas sobre ela.

Para os PCNs, a linguagem é

uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história (Brasil, 1997, p. 22).

De acordo com esse documento, a linguagem não é vista apenas como um código ou um sistema de signos, mas como uma forma de interação entre as pessoas, um processo de interlocução que acontece dentro das práticas sociais, funcionando como uma atividade mediadora, com o propósito de informar, interagir ou estabelecer relações.

Nessa mesma perspectiva, os autores Dellagnelo e Rozzarti (2011), definem a linguagem como uma capacidade que é única dos seres humanos, tratando-se de uma “faculdade mental, ou seja, que envolve atributos biológicos, psíquicos e fisiológicos que são específicos do cérebro humano, e característica do sistema nervoso central” (Dellagnelo; Rozzarti, 2011, p.14).

Para Ferdinand de Saussure (2008), a linguagem possui uma dualidade que se apresenta em um aspecto individual e social no qual é impossível concebê-las separadamente, visto que a linguagem se desenvolve e se transforma na interação estabelecida entre as pessoas, sendo que estas, ao mesmo tempo que são influenciadas pela língua de uma comunidade, também contribuem para sua evolução. Ele também argumenta que a linguagem é simultaneamente um sistema fixo e em

constante evolução, funcionando como uma instituição atual e como um produto do passado.

Por seu caráter histórico-temporal, as formas de conceber a linguagem sofreram alterações ao longo do tempo, gerando implicações no processo ensino-aprendizagem de línguas. Desse modo, as diferentes formas como a linguagem foi sendo vista ao longo do tempo resultaram em concepções distintas, classificadas por Bakhtin/Voloshinov, na obra *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2006), de subjetivismo idealista e objetivismo abstrato.

Na perspectiva do subjetivismo idealista, a experiência e a consciência são fundamentalmente individuais, de modo que cada pessoa possui uma perspectiva única que molda a sua compreensão do mundo. Segundo Bakhtin/Voloschinov, essa tendência

interessa-se pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação lingüística (*sic*) – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo (*sic*) lingüista (*sic*) e pelo filósofo da linguagem. (Bakhtin/Voloschinov, 2006, p. 63).

A língua nessa tendência não é vista como um sistema pré-existente, mas sim como um produto da atividade individual de fala; de acordo com ela, a mente individual tem suas particularidades, manifestadas por meio da linguagem, logo, é a mente humana com suas devidas capacidades que molda a linguagem ao longo do tempo. Assim sendo, a linguagem é vista como um fenômeno humano que é enraizado na experiência individual.

De acordo com Bakhtin/Volochinov (2006, p. 64), as posições fundamentais dessa primeira tendência em relação à língua são apresentadas em quatro proposições: a língua é uma atividade, um processo contínuo de criação e construção; a maneira como se cria a linguagem está ligada aos processos psicológicos e individuais, ou seja, as mesmas leis que regem a criação lingüística são as mesmas leis que também regem os processos psicológicos individuais; a língua é entendida não somente como um meio de comunicação, mas também como uma expressão artística, em que essa criação lingüística está sempre associada à produção de significado; a língua vista como um sistema gramatical e lexical é um produto acabado, na qual se tem uma representação abstrata desse processo, como se fosse um molde pronto para ser usado.

No objetivismo abstrato, o sistema linguístico é o elemento central e organizador de todos os outros fenômenos linguísticos, visto que ele é um sistema composto por um conjunto de regras e estruturas que determinam como a língua funciona (Bakhtin/Volochinov (2006).

Do ponto de vista dessa perspectiva, a língua é um sistema imóvel e acabado, que dispõe para os indivíduos signos e regras sem que estes possam interferir nesse sistema (Silva; Leite, 2013, p. 4), ou seja, a língua é algo em que não há mudanças, que não se transforma ao longo do tempo, desconsiderando-a como um processo dinâmico.

Mais tarde, essas concepções de linguagem foram renomeadas por alguns autores brasileiros, como Koch (2003), Geraldi (2011) e Travaglia (2008, 2009), recebendo as seguintes denominações: expressão do pensamento; instrumento de comunicação; forma/lugar de interação.

No que se refere à linguagem como expressão do pensamento, Geraldi (2011, p.34) afirma que “essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebemos a linguagem como tal, somos levados a afirmações – correntes – de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam”. Seguindo essa mesma direção, Travaglia (2009, p. 21) diz que, “para essa concepção as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução”. Partindo dessas posições, presume-se que se alguém não consegue falar ou se expressar bem, então ele não pensa, constituindo-se, assim, em uma concepção baseada na lógica.

Nessa perspectiva, a língua é usada apenas para transmitir ideias, sem considerar sua rica cultura e diversidade; a gramática é vista como um instrumento prescritivo, ou seja, uma abordagem linguística que se concentra na observação das estruturas padrões reais da língua, focando no “certo” e no “errado”, sendo considerada uma garantia para atingir o domínio da linguagem.

Nessa concepção, segundo Koch (2003)

O texto é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo um papel essencialmente passivo (Koch, 2003, p. 16).

Nesse sentido, o texto é resultado direto e ordenado dos pensamentos do autor, tendo o leitor como único objetivo entender exatamente o que o autor quis dizer, sem poder adicionar ou modificar o sentido original.

A ideia de linguagem como um instrumento de comunicação refere-se ao uso da linguagem para a transmissão de informações e ideias entre as pessoas, concepção em que a língua é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam de acordo com regras e que podem transmitir uma mensagem, informação de um emissor para um receptor.

Em relação a essa perspectiva, Geraldi (2011, p. 34) apresenta a seguinte argumentação: “A linguagem é instrumento de comunicação: essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem.”

Travaglia (2009, p. 22), nessa mesma direção, reflete que essa concepção

vê a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação. Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor.

Como fica evidenciado, os dois autores têm uma mesma ideia sobre essa concepção, ou seja, de que nela a língua é vista como um código que tem por objetivo transmitir uma mensagem de um emissor para um receptor.

Nela, o foco está no código, o enunciador é visto como um repetidor de regras; a gramática apresenta um caráter descritivo; a linguagem é vista como uma competência; e o texto é entendido como um modelo a ser seguido, porém, com um único sentido. Como cita Koch (2003, p.16) “O texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código.” De forma mais resumida, o texto é visto como uma mensagem criptografada pelo autor (emissor) que precisa ser decodificada pelo leitor ou ouvinte (receptor).

Na terceira perspectiva, o foco é a interação, sendo a língua vista de forma dinâmica, adaptando-se às situações de comunicação; o enunciador e o coenunciador são protagonistas ativos do processo; a gramática é trabalhada de forma contextualizada e os professores levam em conta os conhecimentos prévios dos estudantes.

Na visão de Travaglia (2009, p.23), “nessa concepção, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)”, em outras palavras, isso significa que a língua não se limita à transmissão de informações, mas também exerce influência sobre o receptor, moldando suas percepções e afetando suas decisões.

A noção de gramática nessa concepção, é aquela que considera a língua “como um conjunto de variedades que são utilizadas por uma sociedade, de acordo com o que é exigido pela situação de interação em que o usuário da língua está engajado” (Travaglia, 2009, p. 28). Dessa forma, de acordo com a visão do autor, a abordagem gramatical dentro dessa concepção (linguagem como forma/lugar de interação) valoriza a diversidade linguística e a importância do contexto na produção da linguagem. O texto “passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos (Koch, 2003, p. 17).

Considerando a concepção anterior, por muito tempo a linguagem foi vista apenas como um meio de transmitir informações, mas à medida que o tempo foi passando, foi-se mudando essa ideia, visto que a linguagem está sempre em processo de transformação. Portanto, a concepção de linguagem como forma/lugar de interação tornou-se a perspectiva mais adequada para a realidade atual, uma vez que, por meio dela, pode-se analisar o contexto, considerar os interlocutores e entender a construção de significados, reconhecendo a língua como um processo dinâmico, no qual seus falantes são capazes de compreender melhor as diferentes formas de comunicação humana.

As diferentes concepções, de acordo com Bakhtin/Voloshinov (2006) e reinterpretadas por autores atuais, revelam a complexidade e a riqueza que há nos fenômenos linguísticos. A compreensão da linguagem como expressão do pensamento, meio de comunicação e forma de interação leva à reflexão sobre o impacto de cada uma delas nas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, os reflexos na aprendizagem de línguas.

2.1 Concepções de Linguagem e os documentos orientadores de ensino

Os documentos oficiais orientadores de ensino são essenciais para estruturar a educação no Brasil, de modo a assegurar a equidade no ensino ofertado por diferentes redes de ensino e nas diversas regiões do país. Nesses documentos, a linguagem é tratada como um recurso fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, promovendo uma educação que preza pela inclusão, pensamento crítico e equidade.

Desse modo, as concepções de linguagem defendidas nesses documentos são fundamentais na formação educacional, pois influenciam diretamente no modo como o ensino é planejado e executado.

Nos tópicos seguintes, será realizado um panorama sobre como essas concepções norteiam e se manifestam em documentos oficiais de ensino como: PCNs (Brasil, 1997), DCNs (2013) e BNCC (Brasil, 2018).

2.1.1 A linguagem nos PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos que foram elaborados com o objetivo de orientar a educação brasileira, funcionando como um apoio pedagógico que auxilia os professores da Educação Básica. Sua função se constitui em

orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (Brasil, 1997, p. 10).

A citação ressalta a relevância do documento em sua função de direcionar e assegurar a consistência dos investimentos no sistema educacional. Isso implica que os recursos financeiros devem ser direcionados de maneira estratégica para obter resultados positivos na melhoria da educação. Também destaca a importância de apoiar a participação de técnicos e professores brasileiros, especialmente os mais isolados e com menos acesso às novas tendências pedagógicas. Dessa forma, ao proporcionar oportunidades de formação, os PCNs contribuem para que todos os profissionais da educação tenham acesso às informações e ferramentas necessárias para realizar um trabalho eficaz.

Nos PCNs, é enfatizado que o domínio da língua, oral e escrita, é essencial para a participação social efetiva, visto que é por meio dela que o homem se

comunica, partilha ou constrói sua visão de mundo. Dessa maneira, ao ensinar seus alunos, a escola passa a ter responsabilidade de garantir que cada um deles tenha acesso aos saberes linguísticos que são necessários para o exercício da cidadania (Brasil, 1997).

Nessa esteira, os PCNS consideram que “o ensino de Língua Materna deve partir essencialmente de práticas de ensino que levem em consideração o uso da linguagem” (Lima; Cunha, 2024, p. 6).

No que se refere à Língua Portuguesa, os PCNs adotam uma perspectiva segundo à qual

o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística, (*sic*) são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham e constroem visões de mundo, produzem cultura (Brasil, 1997, p. 19).

Nesse sentido, a linguagem, concebida como uma atividade discursiva e cognitiva, articula mecanismos mentais e sociais no processo de construção de sentidos, sendo que o domínio dela é fundamental para a participação social, porque a capacidade de usar a língua permite que as pessoas acessem informações, expressem suas ideias, construam conhecimentos e participem ativamente da vivência em sociedade.

Assim, no que diz respeito ao ensino da disciplina Língua Portuguesa, os PCNs apresentam nove objetivos gerais para o ensino fundamental, sendo esperado que o aluno adquira de forma progressiva, até o fim do ensino fundamental, uma competência em relação à linguagem que possibilite a ele resolver problemas cotidianos (Brasil, 1997).

Nesse sentido, segundo o objetivo geral 1 de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, é esperado que, ao longo dessa etapa de ensino, o aluno possa

expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados (Brasil, 1997, p. 33).

Desse modo, é necessário que o aluno consiga se comunicar com clareza em diferentes situações, defender suas ideias de forma clara, além de compreender

a linguagem como uma ferramenta de comunicação e de interação que deve ser usada para construir conhecimentos e interagir com a sociedade.

As orientações propostas pelos parâmetros visam reconhecer a importância da participação construtiva do aluno, deixando de lado a perspectiva de uma aprendizagem passiva, como um processo que se desenvolve por etapas, em que a cada uma delas o conhecimento é “acabado” (Brasil, 1997, p. 30). Dessa forma, adotam como eixo

o desenvolvimento de capacidades do aluno, processo em que os conteúdos curriculares atuam não como fins em si mesmos, mas como meios para a aquisição e desenvolvimento dessas capacidades. Nesse sentido, o que se tem em vista é que o aluno possa ser sujeito de sua própria formação, em um complexo processo interativo em que também o professor se veja como sujeito de conhecimento (Brasil, 1997, p. 33)

Essa transição de uma visão tradicional de ensino, em que os conteúdos eram vistos como um fim em si mesmos e o conhecimento era visto como algo que não permitia mudanças, passa por processos de transformações, em que uma perspectiva mais dinâmica passa a ser considerada. E isso só pode ser efetivado por meio de práticas pedagógicas norteadas pela adoção de uma concepção interativa de linguagem.

Na mesma direção, os PCNs destacam as práticas que o professor adota em sala de aula, e enfatiza que a prática de todo professor, mesmo que de maneira inconsciente, sempre implica uma visão de ensino e aprendizado que orienta e influencia sua compreensão dos papéis de professores e alunos, da metodologia, do papel social da escola e dos temas a serem abordados (Brasil, 1997, p. 27), ou seja, tudo o que o professor faz em sala de aula é influenciado pela concepção de ensino (e, obviamente, de linguagem) que adota em sua ação didático-pedagógica.

Diante disso, a orientação que é proposta pelos PCNs “reconhece a importância da participação construtiva do aluno e, ao mesmo tempo, da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos específicos que favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo” (Brasil, 1997, p. 33).

A partir de todo o exposto, é possível identificar que a perspectiva que permeia todo o documento dos PCNs, é baseada na linguagem com foco interativo, ou seja, “como uma ação interindividual orientada por uma finalidade específica [...]” (Brasil, 1997, p. 20), que transcende a função como um meio de comunicação, e posiciona-se como uma ferramenta que é essencial para o aprendizado, para a

construção do conhecimento e para uma participação ativa na sociedade, pois é por meio dessa linguagem interativa que homens e mulheres interagem “tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional” (Brasil, 1997, p. 20).

2.1.2 A linguagem nas DCNs

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) oferecem um marco teórico para a educação brasileira ao definirem os princípios e objetivos que devem nortear as práticas pedagógicas em todas as fases da escolarização. Elas são intituladas, segundo o Parecer da Resolução CNE/CEB nº 2/98, como um

Conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica (...) que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas (Brasil, 2013, p. 7).

Diante desse Parecer, as DCNs garantem qualidade na educação ao estabelecerem normas e princípios que contribuem para uma educação igualitária atendendo todas as necessidades escolares.

As Diretrizes Curriculares fundamentam-se em uma visão de linguagem que valoriza a interação social, distanciando-se da percepção na qual a linguagem era vista apenas como um veículo para transmitir ideias ou como um meio de comunicação. Ela passa a ser vista como um lugar de interação que proporciona aos alunos oportunidades de desenvolver habilidades comunicativas, estimulando a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de se expressar de forma clara em diferentes contextos.

Nessa esteira, a escola se configura como um espaço fundamental para o desenvolvimento dessas ações, atuando principalmente através da linguagem, pois é dentro desse espaço coletivo que, segundo as DCNs (2013, p. 25)

[...] serão privilegiadas trocas, acolhimentos e aconchego para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre si e com as demais pessoas. É uma instância em que se aprende a valorizar a riqueza das raízes culturais próprias das diferentes regiões do País, que juntas formam a Nação (Brasil, 2013, p. 25).

É possível observar que essa citação evidencia que a escola é o espaço de formação integral, de interação, onde os alunos aprendem a conviver, respeitar as diferenças e a valorizar a sua cultura. Logo “o aluno precisa aprender não apenas os conteúdos escolares, mas também saber se movimentar na instituição pelo conhecimento que adquire de seus valores, rituais e normas, ou seja, pela familiaridade com a cultura da escola” (Brasil, 2013, p. 112).

Dentro desse contexto, a linguagem perpassa a função de ser apenas uma ferramenta para aprender conteúdos, e passa a se configurar como um verdadeiro passaporte para a cultura escolar, permitindo a promoção da interação e a construção de conhecimentos de forma coletiva.

2.1.3 A linguagem na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é também um documento que estabelece diretrizes que devem ser seguidas por todas as redes de ensino existentes no país, apresentando um conjunto de habilidades que são fundamentais para o desenvolvimento educacional do aluno.

Nesse sentido, é esperado que a BNCC “ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação” (Brasil, 2018, p. 8).

Dessa maneira, ela busca unir as diferentes habilidades e objetos de conhecimento que eram ensinados em cada escola, criando um padrão nacional, de modo a evitar que os alunos tenham experiências distantes, dependendo da região em que estudam, além de incentivar que os governos, federal, estadual e municipal trabalhem juntos para garantir que a educação seja de qualidade para todos, servindo como um mapa que mostra o caminho que a educação brasileira deve seguir.

A BNCC define dez competências gerais que servem como um guia para o desenvolvimento integral dos alunos. Segundo Prado (2019, p.32), essas

competências valorizam os diferentes conhecimentos construídos historicamente para explicar uma realidade, promovem a curiosidade intelectual, valorizam as diferentes manifestações artísticas, reconhecem e utilizam as diferentes linguagens, inclusive a tecnológica, incentivam o autoconhecimento e atuam sobre o exercício do ser social, individual e coletivo.

Logo, essas competências preparam o aluno para uma vida em sociedade, se tornando cidadãos críticos, criativos e engajados, estimulando o respeito à diversidade de manifestações artísticas e culturais existentes.

A proposta da BNCC para o ensino de Língua Portuguesa se resume a um enfoque centrado no texto, que possibilita uma abordagem de todos os eixos presentes na esfera linguística, aqui, “o texto não é visto apenas como materialidade linguística, é visto como unidade enunciativa e discursiva, ou seja, o texto não pode ser dissociado das condições de produção e de recepção de seus usos” (Prado, 2019, p. 33). Nessa perspectiva, o texto não se limita apenas às palavras escritas ou faladas, mas envolve elementos que vão além da gramática; nisso, ao considerar o texto a partir do seu pertencimento, reconhece-se a importância de compreender e usar a linguagem de acordo com os contextos específicos em que ela é empregada.

Ao considerar o texto como unidade enunciativa e discursiva, a BNCC alinha-se à ideia de que as práticas sociais são “mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual – motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital” (Brasil, 2018, p. 63), e passa a assumir uma perspectiva interacionista.

Portanto, fica evidenciado nesse documento que a linguagem não é apenas um código que deve ser aprendido, mas sim uma prática social, por meio das quais as pessoas conseguem interagir umas com as outras.

Nesse contexto, de acordo com a BNCC (2018), é de suma importância que os alunos se apropriem das especificidades de cada linguagem, entendam as características que são únicas de cada forma de comunicação, seja ela verbal ou não verbal, percebendo que essas linguagens se relacionam em diferentes contextos.

A BNCC propõe uma perspectiva para o ensino de Língua Portuguesa que valorize a linguagem como prática social, ao invés de uma abordagem dividida e isolada dos componentes que fazem parte da língua, enfatizando a importância da compreensão do funcionamento da língua em contextos reais de uso. Dessa maneira, segundo a BNCC,

os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas (Brasil, 2018, p. 139).

Isso significa que a língua não se resume a um conjunto de regras isoladas, por isso ela não deve ser ensinada de forma mecânica e descontextualizada, e a linguagem vai muito além das palavras, visto que há outras maneiras e formas de comunicação. A norma-padrão é importante, mas é fundamental que o aluno reflita sobre as diversas variedades linguísticas existente e sobre o uso adequado de cada uma. Essa visão, alinhada com a proposta da BNCC, que defende uma linguagem inteiramente interativa, valoriza a linguagem como prática social e cultural, incentivando o desenvolvimento de habilidades comunicativas e o pensamento crítico nos alunos.

2.2 Concepções de linguagem e prática docente

A forma como se ensina Língua Portuguesa está diretamente ligada às concepções de linguagens que são adotadas pelos professores em sala de aula. Ao longo do tempo, elas moldaram diferentes abordagens pedagógicas que influenciaram nas formas como os objetos de conhecimento são ensinados, avaliados e até mesmo na forma como o professor interage com os alunos.

Travaglia (2009) reflete que a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua é importante para se ter um bom trabalho e desempenho em termos de ensino. Essa compreensão da linguagem interfere diretamente nas suas estratégias de ensino, bem como na seleção de materiais didáticos que serão trabalhados em sala de aula, na avaliação dos alunos e na interação que será desenvolvida com a turma, contribuindo para a eficiência do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a forma como a Língua Materna é trabalhada tem um papel significativo no desenvolvimento do letramento, o que oportuniza um aprendizado mais eficaz e colabora para que os alunos tenham uma participação mais ativa na sociedade.

A partir do momento em que o professor adota uma determinada concepção de linguagem, ele imediatamente faz escolhas pedagógicas que podem favorecer ou dificultar a aprendizagem do aluno. Por exemplo, o professor que adota em suas práticas pedagógicas a concepção de linguagem como expressão do pensamento, exerce um ensino voltado ao uso de uma gramática prescritiva ou tradicional, ou seja, aquela que “[...] estuda apenas os fatos da língua padrão, da

norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial” (Travaglia, 2008, p. 30), direcionada ao certo e ao errado, seguindo um conjunto de regras e constituindo-se no domínio do falar, expressar e escrever bem. Nessa perspectiva, Brakling (2002, p. 1) diz que

Expressar-se bem, nesta visão, significa expressar-se tal como os modelos da literatura. Assim, uma prática educativa orientada por tal concepção será organizada a partir da crença de que aprender a escrever bem é escrever como os escritores renomados, assim como falar bem é organizar o seu discurso utilizando uma forma de dizer próxima da empregada na literatura.

Desse ponto de vista, nessa concepção o escrever bem é sinônimo de imitar grandes escritores e estilos literários, o que implicará a utilização de uma linguagem mais rebuscada, igual a que se encontra na literatura.

Nessa mesma direção, Carneiro (2012, p. 2) diz que “o método tradicional de ensino/aprendizagem se centra no ato de transferir conhecimento, considerando o professor como o portador de conhecimentos”.

Nessa perspectiva, desconsidera-se o conhecimento linguístico prévio que o aluno já possui, o que pode levar muitas vezes a um afastamento deste em relação à sua própria língua, ou seja, aquela que ele utiliza no seu dia a dia, considerando-a difícil, distante de sua realidade.

Observe o exemplo a seguir:

Aluno: *Professor, eu vi um filme muito legal ontem!*

Professor: *Sua frase está errada, o correto é dizer “eu assisti a um filme muito legal ontem”.*

Aluno: *Ah, sim, tudo bem, professor.*

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

É possível notar a rapidez com que o professor corrige a maneira como o aluno se expressou, priorizando a norma culta da língua, ou seja, desconsidera que a expressão usada pelo aluno - eu vi um filme” - é comum na linguagem informal e que, não se tratando de um contexto formal, ela pode ser usada sem nenhum problema.

Muitas vezes, a forma como o professor reage diante dessas situações acaba causando um constrangimento no aluno, o que pode fazer com que ele deixe de participar das aulas ou de interagir com o assunto por medo de errar.

Na concepção de linguagem como instrumento de comunicação, a ênfase está na função da linguagem usada para transmitir informação, estando atrelada a uma gramática descritiva. Araújo *et al.* (2018, p. 274) pontuam que “o docente que se pauta nessa concepção, em sua prática, objetivará desenvolver, no aluno, as habilidades de expressão e compreensão de mensagens”.

Brakling (2002, p. 2) diz que a prática adotada por essa concepção aborda a “realização de muitos exercícios estruturais, que requerem que o aluno amplie a frase utilizando adjetivos, ou advérbios”, ou seja, que use a língua de maneira correta de acordo com as regras gramaticais. Isso, no que se refere à abordagem do professor, acaba ficando limitado ao trabalho no âmbito do funcionamento interno da língua, na descrição linguística, apoiando-se nos estudos estruturalistas.

Quando o docente adota essa concepção, ele exige que o aluno adquira uma postura específica, ou seja, ele precisa agir de acordo com as orientações do professor, executando atividades propostas por ele sem questionar o porquê, utilizando a linguagem de acordo com as normas gramaticais e os objetivos que a atividade propõe.

Observe o exemplo:

Professor: *Para a atividade de hoje, vocês irão reescrever as frases que coloquei no quadro, mantendo o sentido original e seguir as regras de concordância verbal. Por exemplo: “O menino quebrou a janela”, vocês devem escrever “a janela foi quebrada pelo menino”, ou seja, transformar o verbo que está na voz ativa para a passiva.*

Aluno: *Professor, a gente não pode mudar nada além do que pede a frase?*

Professor: *Não, a ideia é manter a estrutura e a correção gramatical da frase.*

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Nesse exemplo, a atividade desenvolvida pelo professor exige que os alunos dominem a estrutura da oração e os mecanismos relativos às vozes ativa e passiva, ou seja, o foco está na estrutura da frase, não permitindo mudanças, nem opiniões pessoais. Nesse contexto, o professor busca verificar se o aluno domina a estrutura básica existente na oração.

Segundo Antunes (2003, p. 40), “o conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita às noções gramaticais apenas, como se tudo o que é língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática”. Essa

crítica de Antunes em relação ao conhecimento teórico que é disponibilizado a muitos professores indica que esse tipo de conhecimento desconsidera a complexidade da língua em funcionamento, apontando apenas para uma visão que é bastante comum e, de certo modo, problemática ao ensino de línguas.

E ainda segundo Antunes (2003), o grande equívoco gerado em torno do ensino de línguas ocorre pelo fato de se acreditar que, ensinando a análise sintática e a nomenclatura gramatical, se conseguirá deixar os alunos competentes para ler e escrever textos, conforme as inúmeras diversidades existentes nas situações sociais.

A terceira concepção de linguagem, forma/lugar de interação, é vista não somente como um meio de transmitir ou expressar ideias, mas como uma ferramenta indispensável para a interação social.

Nessa concepção, a gramática é contextualizada, tornando o ensino relevante e significativo, capacitando os alunos a usarem a língua de maneira eficaz nas interações diárias, nela o sujeito é visto como psicossocial, o texto é o lugar de interação e os sentidos mudam de acordo com o contexto.

Nesse sentido, a compreensão da linguagem como uma forma de interação considera que o leitor ou o ouvinte sejam sujeitos ativos nesse processo de construção de sentidos dos textos.

Ao optar por essa vertente, o docente usará a linguagem na criação de vínculos e no aprimoramento de habilidades comunicativas em todos os âmbitos sociais em que os alunos estão envolvidos e venham a se envolver. Os projetos serão focados na interação e o docente levará em conta os conhecimentos prévios dos alunos.

No entanto, para colocar essa concepção em prática, irá exigir do docente, segundo Barros (2015, p. 9), “mudanças radicais no processo de ensino, pois indica um ambiente aberto para a heterogeneidade linguística e a valorização do sujeito no discurso”.

Quando a abordagem que o professor adota dentro da sua sala de aula é uma linguagem interativa, em que os assuntos desenvolvidos em sala de aula se adequam aos contextos vivenciados pelos alunos, adquire-se aqui uma

concepção dialógica da linguagem que se instaura no outro no processo discursivo e que é a partir dessa compreensão que ao sujeito é dada a oportunidade de construir e apropriar-se dos conhecimentos e valores veiculados na escola, os quais possibilitarão sua formação como agente social, coletivo, cidadão crítico e reflexivo (Azevedo, 2013, p. 4)

Desse modo, a linguagem deixa de ser vista como um instrumento neutro, tornando-se um processo dinâmico; o outro deixa de ser apenas um receptor e passa a ser um construtor de significados, logo, a partir dessa interação com o outro, haverá a oportunidade de construir conhecimentos e valores que serão veiculados na escola.

O aluno deixa de ser alguém passivo e começa a participar ativamente do processo de interação que será estabelecido, e o professor passa a criar um ambiente que irá estimular o aluno para que se expresse livremente, organizando atividades que construam conhecimentos em conjunto.

Observe o exemplo:

Professor: *Para a aula de hoje, quero que façam uma redação sobre a importância da leitura em suas vidas.*

Aluno: *Professor, “posso eu” escrever sobre “a leitura que eu gosto” mais e como ela ajudou a entender melhor as coisas?*

Professor: *Claro que pode!*

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesse exemplo, nota-se que o professor demonstra uma postura que valoriza a participação e a expressão do aluno; ao invés de corrigir imediatamente as inadequações gramaticais apresentados na fala do seu aluno, ele o incentiva a explorar suas próprias ideias, demonstrando que a comunicação eficaz é mais importante do que a forma da gramática “perfeita”.

É importante que o professor se aproveite dessas “inadequações” na fala do aluno para instigar uma reflexão sobre a língua, isso fará com que o professor o incentive a pensar sobre o porquê de ter utilizado determinada expressão ou construção, permitindo que o aluno desenvolva uma consciência linguística, compreendendo as diferentes variedades da língua.

Dessa maneira, as concepções de linguagem que são adotadas pelos professores moldam as suas práticas pedagógicas e influenciam significativamente o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos.

3 METODOLOGIA

3.1. Caracterização da pesquisa

Nesta seção, será apresentada a metodologia usada para a realização da pesquisa, contendo informações sobre o cenário das escolas, participantes e os procedimentos da coleta de dados.

Como já informado, este estudo teve como finalidade investigar qual(is) concepção(ões) de linguagem norteia(m) as práticas pedagógicas adotadas por docentes de Língua Portuguesa em escolas de Educação Básica do município de Bom Jardim – MA. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza exploratória, quanto aos objetivos, e de campo, no que se refere aos procedimentos.

No que tange às pesquisas exploratórias, Gil (2002, p. 41) relata que esse tipo de investigação tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias (*sic*) ou a descoberta de intuições.”

Em relação à pesquisa de campo, Gonçalves (2001, p.67) diz que

é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Desse modo, a pesquisa de campo se caracteriza pela busca de informações dentro do ambiente proposto, de modo que o pesquisador consiga compreender melhor o contexto e possivelmente identificar aspectos que poderiam passar despercebidos sem esse contato com o local.

A pesquisa contou com uma abordagem quanti-qualitativa, em que, segundo Creswell e Clark (2013, p. 22),

[...] o pesquisador coleta e analisa de modo persuasivo e rigoroso tanto os dados qualitativos quanto os quantitativos (tendo por base as questões de pesquisa); mistura (ou integra ou vincula) as duas formas de dados concomitantemente, combinando-os (ou misturando-os) de modo sequencial, fazendo um construir o outro ou incorporando um no outro; dá prioridade a uma ou a ambas as formas de dados (em termos do que a pesquisa enfatiza); usa esses procedimentos em um único estudo ou em múltiplas fases de um

programa de estudo; estrutura esses procedimentos de acordo com visões de mundo filosóficas e lentes teóricas; e combina os procedimentos em projetos de pesquisa específicos que direcionam o plano para a condução do estudo.

Ao optar por essa abordagem, o pesquisador tem uma visão mais completa do assunto, flexibilidade em combinar os dados qualitativos e quantitativos de diversas formas, o que pode levar a resultados mais consistentes e a uma exploração mais minuciosa do objeto de investigação.

3.2 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas Escolas Municipais de Educação Básica (EMEB) Ney Braga e Professora Dinare Feitosa, localizadas no município de Bom Jardim – MA, sendo que ambas atendem alunos das zonas urbana e rural.

A escola Ney Braga está localizada na rua Sete de setembro, Centro, e oferece o Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais). Possui um espaço físico amplo, composto por pátio, biblioteca, cozinha, 11 (onze) salas de aula, auditório, cozinha e banheiros (masculino e feminino); a infraestrutura inclui, também, acessibilidade para alunos com deficiência.

A escola Professora Dinare Feitosa, situada na Travessa das Flores, Alto dos Praxedes, dispõe de 12 (doze) salas de aula, pátio, quadra (em construção), biblioteca, cozinha, refeitório. A referida escola está em fase de implantação do ensino em tempo integral, já contando com duas turmas em pleno funcionamento; além disso, ela também atende alunos da educação especial.

Em ambas as escolas, realizou-se a pesquisa com professores e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sendo uma turma por escola, com 30 alunos em cada uma delas.

3.3 Procedimentos

A pesquisa ocorreu por meio de aplicação questionários semiestruturados aos alunos e aos professores das escolas e ano já mencionados.

A coleta dos dados aconteceu em uma turma de cada escola, durante o mês de novembro de 2024, período em que as direções das escolas autorizaram a coleta. Esse procedimento foi realizado em duas etapas: a primeira envolveu uma

conversa com os informantes acerca do objetivo do estudo e a entrega do Termo de Compromisso e Livre Esclarecimento (TCLE), além do termo de autorização dos pais dos estudantes menores de idade. A segunda etapa consistiu na aplicação dos questionários, tanto aos professores de Língua Portuguesa quanto aos alunos.

No que se refere ao questionário, Basto *et al.* (2023, p. 7) diz que a aplicação de um questionário durante a pesquisa de campo “permite a obtenção de uma grande quantidade de dados de forma eficiente e possibilita análises quantitativas que auxiliam na compreensão de fenômenos e no estabelecimento de relações entre variáveis”. De fato, o questionário mostrou-se uma ferramenta rápida e eficaz de coleta de dados, facilitando uma análise precisa das informações e permitindo identificar relações entre diferentes variáveis e melhor compreensão dos resultados alcançados.

Todos os alunos e professores que participaram da pesquisa foram codificados, para fins sistematização e apresentação dos resultados, de modo a proteger a identidade desses informantes. Para tanto, foram utilizados dados alfanuméricos com a seguinte organização: E1A (Escola 1 - Alunos) e AE2 (Escola 2 - Alunos). Os dados dos professores também foram codificados, seguindo-se a mesma formatação utilizada para o segmento discente: PE1 (Professor da Escola 1) e PE2 (Professor da Escola 2).

Quanto à aplicação dos questionários, todos os envolvidos foram esclarecidos sobre os objetivos e protocolos da pesquisa, assim como também foi apresentado a eles o TCLE - Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (Apêndice A), com a devida coleta de assinatura com a concordância deles em relação à participação. No caso dos alunos, por se tratar de menores de idade, foi enviado um termo (Apêndice B) para ciência e concordância por parte de seus pais/responsáveis.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção apresenta e discute os resultados que foram obtidos a partir das análises feitas dos dados coletados. A discussão dos resultados visa interpretar os achados à luz do referencial teórico e dos objetivos propostos para este trabalho.

4.1 A perspectiva docente

Esta subseção tem como objetivo apresentar e discutir os resultados obtidos a partir das respostas dos professores sobre a percepção deles em relação à linguagem no contexto social e influência desta nas práticas que desenvolvem, bem como na forma como os alunos lidam com a disciplina Língua Portuguesa.

Foram coletados dados de dois professores, que serão identificados por meio de códigos alfanuméricos, conforme já informado na metodologia, sendo: PE1 graduado em Letras Português, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), lecionando a disciplina Língua Portuguesa há menos de um ano; PE2 é graduado em Letras Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e leciona Língua Portuguesa há mais de dez anos.

Considerando que o primeiro objetivo desta pesquisa consiste em: investigar a compreensão das concepções de linguagem por parte de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica, passar-se-á a apresentar os resultados obtidos sobre esse aspecto.

Quadro 1: concepção dos docentes sobre a linguagem

INFORMANTE	CONCEPÇÃO
PE1	<i>Como docente, compreendo a linguagem sendo um fenômeno social que se constrói e se transforma por meio das interações humanas. Assim, a linguagem vai além da gramática e reflete culturas e identidades.</i>
PE2	<i>A concepção de linguagem como interação, formação e transformação social.</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

Com base nas respostas de ambos os professores, é possível observar que eles concebem a linguagem como uma forma de interação, sendo esta, de acordo com o PE1, um fenômeno que se dá por meio das interações humanas.

Com base nisso, fica evidenciado que a forma como os professores concebem a linguagem se associa à linguagem como forma/lugar de interação, em que a língua é dinâmica e se adapta às situações de comunicação; o enunciador e o coenunciador participam ativamente do processo (Geraldi, 2011).

Nessa perspectiva, as formas como eles veem a linguagem, inevitavelmente, reflete na compreensão de seu papel social e educacional, pois compreendem que a língua não deve ser vista apenas como um sistema de códigos usado para a comunicação, mas como um fenômeno interligado às práticas sociais e culturais.

No segundo objetivo, foi proposto identificar qual concepção de linguagem é predominante na prática dos docentes envolvidos na pesquisa e, para se chegar a isso, considerou-se relevante saber qual(is) concepção(ões) de lingua(gem) predominou/predominaram nas práticas que foram abordadas pelos professores ao longo da formação acadêmica de cada um dos informantes, sobre o que se obtiveram as seguintes respostas:

Quadro 2: Concepção de linguagem presente na formação inicial dos docentes

INFORMANTE	CONCEPÇÃO
PE1	<i>Predominou a concepção de língua como ferramenta de cidadania.</i>
PE2	<i>Concepção de linguagem como interação social.</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

O quadro apresenta duas concepções semelhantes de linguagem expressas pelos dois professores. Para o PE1, a linguagem que predominou na formação acadêmica foi aquela em que a língua é vista como uma ferramenta de cidadania, isso indica que, no contexto da sua formação, a língua desempenhava um papel que era fundamental na participação social, na construção de identidade e na formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade, tornando-se um instrumento que permite que os indivíduos exerçam seus direitos. Nessa mesma direção, Vitti (2024, p. 3) diz que

a língua permite que o indivíduo seja inserido na sociedade e na cultura, seja aceito pelo seu grupo social e desempenhe seu papel sócio-histórico, permitindo que ele se constitua como sujeito, inserindo-o nos seus diversos papéis sociais e, permitindo ainda, que ele tenha contato com diferentes culturas, ideias, identidades.

De acordo com essa citação, a língua na perspectiva de ferramenta de cidadania permite que o indivíduo participe das interações sociais, compartilhe experiências, e possa construir/moldar identidades através dos sentimentos, expressões e valores, facilitando o desempenho em seus papéis sociais. Na formação do PE2, predominou a linguagem como interação social, que enfatiza uma natureza comunicativa da língua e a sua função de estabelecer relações entre as pessoas. Nessa perspectiva, a língua é vista como um meio de construir significados e conhecimentos em conjunto. Nesse sentido, conceber a linguagem como forma de interação significa entendê-la como um trabalho coletivo, portanto em sua natureza sócio-histórica (Ramos, 2008).

De acordo com essas duas perspectivas colocadas pelos professores, é possível perceber que, mesmo tendo usado termos distintos, as duas compartilham um ponto em comum: ambas reconhecem e afirmam que, em seus processos de formação, a linguagem foi considerada em uma perspectiva contextualizada e interativa, construída socialmente e utilizada para interagir uns com os outros.

Dando continuidade, procurou-se saber como os informantes lidam com as diferentes concepções de linguagem na disciplina de Língua Portuguesa e se há predominância de uma delas em suas práticas docentes.

Quadro 3: Concepção(ões) predominante(s) na prática dos docentes

INFORMANTE	CONCEPÇÃO
PE1	<i>Considero que a língua vai além da gramática normativa, enfatizo para os alunos as múltiplas variações linguísticas e o seu valor. Sendo que a linguagem não é apenas um código estruturado, mas uma prática viva que reflete as relações sociais.</i>
PE2	<i>As diferentes concepções de linguagem, dentro do contexto escolar, ainda se fazem presente de modo que elas se relacionam em algumas atividades</i>

	<i>pedagógicas. Quanto à predominância, os materiais didáticos, hoje tem privilegiado a concepção de interação.</i>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

Segundo o PE1, a linguagem que predomina em suas práticas docentes é a linguagem como forma/lugar de interação, o que fica nítido a partir do momento em que ele menciona que a língua é muito mais do que a gramática normativa, frisando que sempre busca ensinar aos alunos que existem diversos tipos de variações linguísticas, e que ela é uma prática que está sempre viva e se relaciona com as relações sociais e, como se sabe, nessa perspectiva o foco está voltado a um caráter interativo da língua. Nessa mesma direção, Geraldi (2011) afirma que mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana.

De acordo com a resposta apresentada, PE2 relata que nos materiais didáticos há predominância da concepção de linguagem como forma de interação, isso leva a se pressupor que ele também aborda esse tipo de linguagem dentro das suas práticas e, se assim for, certamente, ele aperfeiçoa as habilidades dos seus alunos, ensinando-os a lidar com a linguagem de forma eficiente e apropriada para distintos contextos.

Dessa maneira, de acordo com as informações obtidas, os dois informantes adotam em suas práticas pedagógicas a linguagem como lugar de interação, segundo a qual a “função da língua é realizar ações e agir sobre o outro, além de fazer uso de uma gramática internalizada e contextualizada, havendo o predomínio da interação, na qual o sujeito é visto como psicossocial, ativo na produção de sentidos” (Silva; Pereira, 2024, p.11).

Dando continuidade à análise, retoma-se o objetivo três: relacionar a forma como os professores aplicam as concepções de língua na prática pedagógica com o modo como os alunos lidam com a disciplina Língua Portuguesa. Para tanto, perguntou-se aos docentes quais são os reflexos na formação dos discentes em relação à(s) concepção(ões) de linguagem adotada(s) por eles na prática pedagógicas. Em relação a isso, obtiveram-se os seguintes resultados:

Quadro 4: Reflexos da(s) concepção(ões) de linguagem adotada(s) pelos professores na aceitação da disciplina pelos alunos

INFORMANTE	REFLEXOS DAS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM
PE1	<i>Competência em produzir, compreender e transformar significados tanto na oralidade quanto na escrita. E a compreensão dos diferentes repertórios linguísticos.</i>
PE2	<i>A percepção de que a linguagem é um instrumento do dever humano.</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

Como mostra o quadro acima, o PE1 enfatiza que a concepção de linguagem adotada por ele resulta no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, que se dá na capacidade de produzir, de compreender e transformar significados tanto na fala quanto na escrita, valorizando a diversidade linguística e a capacidade de os alunos adaptar sua linguagem às diferentes situações.

O PE2 relata que a concepção adotada por ele resulta em uma percepção de que a linguagem é um instrumento do dever humano. Nesse sentido, a resposta colocada por ele talvez esteja equivocada, visto que a linguagem não é um dever humano, mas sim uma necessidade humana de comunicação. Porém, diante da resposta, é possível que a intenção dele tenha sido dizer, talvez, que a linguagem é um ato de realização humana e não de dever.

Quadro 5: Reação dos alunos em decorrência das concepções adotadas pelos docentes

INFORMANTE	REAÇÃO DOS ALUNOS
PE1	<i>Reagem de forma positiva, pois compreendem a função da linguagem e tornam-se a cada dia, sujeitos ativos em suas comunicações orais e escritas.</i>
PE2	<i>As reações são diversas, quando há uma questão, por exemplo que privilegia a linguagem diferente da linguagem como interação, não há uma boa recepção. Porém, quando a proposta pedagógica atende à concepção de que a língua é um</i>

	<i>instrumento de interação, transformação e formação social, os alunos interagem com mais facilidade com a nossa língua.</i>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

No quadro acima, o PE1 relata que seus alunos reagem de forma positiva à sua concepção de linguagem, que as práticas adotadas fazem com que os alunos possam compreender e entender a importância da linguagem como uma forma de se comunicar e de interagir uns com os outros. Isso dá a entender que ele relaciona o ensino de Língua Portuguesa com as experiências e interesses dos alunos, mostrando a utilidade da linguagem em diferentes contextos.

O PE2 enfatiza que as reações dos alunos são diversas e dependem da forma como a linguagem é abordada em suas aulas. Quando a linguagem é tratada de uma maneira mais isolada os alunos apresentam resistência e dificuldade em compreender o conteúdo, porém, quando a proposta pedagógica que ele aborda na aula se volta para a concepção interativa de linguagem, os alunos demonstram um interesse maior e participam com mais vontade das atividades propostas.

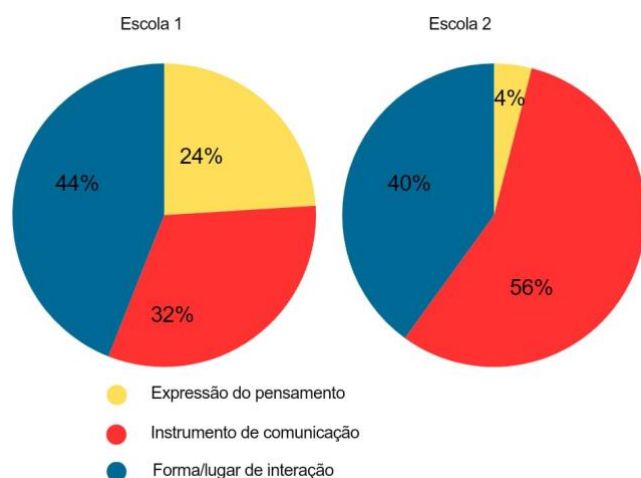
Ao analisar as respostas dos professores, fica claro que as formas como eles concebem a linguagem e as praticam nas suas abordagens têm um impacto significativo no engajamento dos alunos. Isso evidencia que eles abordam uma perspectiva mais contemporânea em relação ao trabalho desenvolvido no que se refere à(s) concepção(ões) adotada(s), considerando a linguagem como um meio dinâmico de interação e construção de significados.

4.2. A perspectiva discente

Nesta subseção, o foco será nos resultados alcançados pelo questionário dos alunos e, conseqüentemente, nas suas percepções em relação às concepções linguísticas adotadas pelos professores de Língua Portuguesa.

Dessa forma, após uma breve apresentação de cada uma das concepções de linguagem, perguntou-se aos alunos qual delas predominava na prática dos professores de Língua Portuguesa, obtendo-se os seguintes resultados:

Figura 1: Concepções de linguagem predominantes na prática dos docentes



Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

As informações que compõem a figura acima remetem ao objetivo 2 da pesquisa: identificar as concepções de linguagem predominantes nas práticas dos docentes, sob o olhar dos alunos.

Na E1A, a concepção de linguagem que mais se destacou na prática do professor foi a linguagem como forma/lugar de interação com 44% e, na E2A, destacou-se a linguagem como instrumento de comunicação com 56%. Com base nisso, é possível perceber que as práticas que são trabalhadas pelo professor da E1 mostram a dinamicidade da língua que se adapta as situações de comunicação, a abordagem usada por ele, permite que os seus alunos participem ativamente do processo de aprendizagem, usufruindo de uma gramática que é contextualizada, interativa, na qual é mediada pelo texto. Nessa esteira, de acordo com Koch (2003, p.17), “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que - dialogicamente - nele se constroem e são construídos.”

Na E2, a partir do olhar dos alunos, o professor se concentra na linguagem como meio de comunicação, em que o foco está na descrição das estruturas padrões da língua, tentando garantir desse modo o domínio da linguagem pelos alunos.

É possível perceber diante dos dados obtidos das E1A e E2A, que os resultados da E1A dialogam com o que disse o PE1, em que a linguagem predominante nas suas abordagens metodológicas é uma linguagem interativa que incentiva os alunos a aprenderem sobre os diversos tipos de variações linguísticas, sempre mostrando que a língua é mais do que apenas aprender sobre as regras

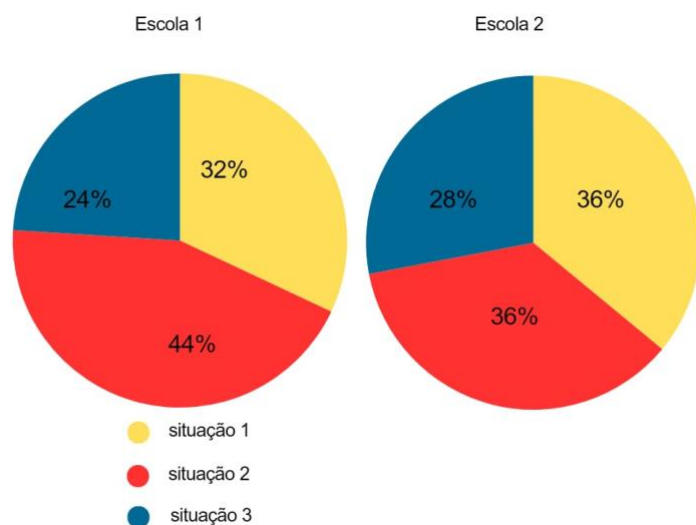
gramaticais. Em contrapartida, na E2A, os resultados divergem do que afirma o PE2, dizendo abordar uma linguagem interativa, sendo que, segundo os alunos, sua metodologia está mais atrelada à concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e a língua como um código.

Nessa instância, é importante destacar que as práticas abordadas pelos professores influenciam diretamente na aprendizagem e desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos. Logo, é possível perceber que as práticas que o professor da E1 adota caminham na mesma direção do que sugerem os documentos oficiais de ensino, como BNCC (Brasil, 2008), DCNs (Brasil, 2013), que remetem à língua como processo dinâmico, interativo e indicam a linguagem como forma/lugar de interação como a concepção mais adequada para se trabalhar dentro das salas de aula.

Dando continuidade, as figuras seguintes apresentam os resultados da questão que apresentou três situações de trabalho relacionadas às práticas no componente Língua Portuguesa: o primeiro era de natureza prescritiva, vinculada à ideia de linguagem como expressão do pensamento; o segundo apresentava uma visão descritiva, baseada na ideia de linguagem como meio de comunicação; e, finalmente, na terceira situação, uma visão interativa, que se refere à linguagem como forma/lugar de interação.

Assim, ao se questionar sobre qual desses três tipos de situações prevalece nas práticas implementadas pelos docentes da disciplina, chegaram-se aos resultados apresentados a seguir:

Figura 2: Situações de aprendizagem predominantes nas práticas docentes



Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

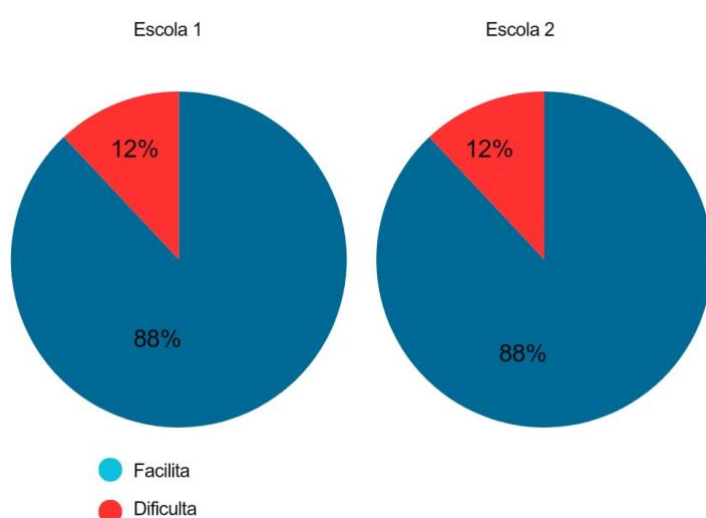
Ao analisar os dados obtidos, observou-se que, na E1A, houve a predominância da situação 2, que está relacionada ao ensino descritivo, que está vinculado à concepção de linguagem como instrumento de comunicação. Essa resposta em relação ao PE1 destoa do ponto de vista abordado por ele, cuja concepção adotada refletiria no aluno uma competência e capacidade de produzir e de compreender significados. Nesse sentido, isso sugere que, na perspectiva dos alunos, o professor trabalha dentro de uma abordagem que foca a exploração das descrições de regras gramaticais.

Na E2, nota-se que existem duas situações que se destacam nas práticas do professor, de acordo com a visão dos alunos: a prescritiva e a descritiva, com 36% cada uma delas, sendo que apenas 28% consideram a perspectiva interativa nas práticas desse professor. Essas práticas estão relacionadas à linguagem como expressão do pensamento e à linguagem como instrumento de comunicação, o que sugere um trabalho que se afasta, de maneira geral, do que orientam tanto os teóricos quanto os documentos legais de ensino. Isso significa que esse professor deve concentrar seu trabalho na análise de prescrições linguísticas, fundamentadas em "certo" e "errado" e na descrição de normas gramaticais.

Vale ressaltar que o foco excessivo em normas/regras pode levar a uma rigidez no aprendizado, dificultando a expressão dos alunos por receio/medo de cometerem erros, o que pode afetar a fluidez e a criatividade na comunicação.

As figuras a seguir mostram os resultados alcançados sobre a percepção dos alunos acerca dos impactos/reflexos das concepções de linguagem utilizadas pelos professores de Língua Portuguesa no processo de aprendizagem. Esse aspecto está ligado ao terceiro objetivo da pesquisa, que busca relacionar a forma como os professores aplicam as concepções de língua na prática pedagógica ao modo como os alunos lidam com a disciplina Língua Portuguesa.

Figura 3: As concepções de linguagem adotadas pelos docentes facilitam ou dificultam a compreensão dos conhecimentos



Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

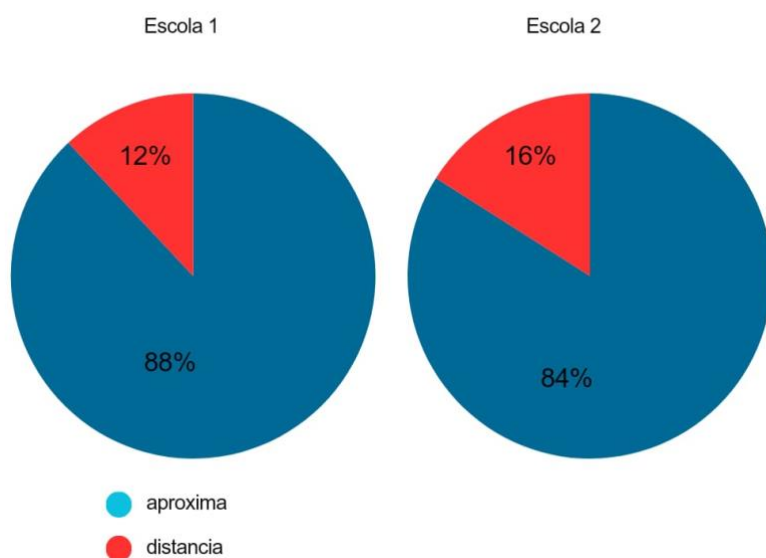
Com base nas figuras acima, observa-se que ambas as escolas possuem um percentual idêntico e, para 88% dos alunos, as concepções adotadas por esses docentes auxiliam e facilitam na compreensão dos conteúdos abordados na disciplina. Nota-se que esses índices são bastante altos, sinalizando uma visão favorável desse público em relação às concepções implementadas pelos professores.

Observa-se que por mais que as práticas adotadas pelos professores destoem do que orientam os documentos oficiais, os índices obtidos são altos, indicando que há uma boa recepção dos alunos quanto às concepções adotadas pelos docentes.

É importante destacar também que, em ambas as escolas, há uma porcentagem de alunos, embora baixa, que disseram que essas concepções que são adotadas por seus professores fazem com que haja dificuldades na compreensão dos conhecimentos que são trabalhados na disciplina.

Por fim, a figura a seguir ilustra os resultados alcançados referentes as concepções de linguagem adotada pelos professores e se essas concepções aproximam ou distanciam o aluno da disciplina.

Figura 4: As concepções de linguagem adotadas pelos docentes aproximam os alunos da disciplina ou os distanciam?



Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa de campo (2024)

Conforme ilustrado nas figuras acima, o percentual de 88% na E1 indica que os alunos acreditam que as concepções de linguagem utilizadas pelos seus docentes os aproximam da disciplina, proporcionando uma perspectiva mais positiva, um entendimento mais aprofundado das atividades realizadas em sala de aula e um envolvimento mais intenso com a Língua Portuguesa. Na E2, é possível notar que também há uma boa recepção das práticas adotadas pelo professor.

Embora também haja um pequeno número em relação aos alunos que acreditam que essas práticas não os aproximam da disciplina e só faz com que haja dificuldades na compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula, as respostas, em sua maioria positiva, demonstram que essas concepções que são adotadas pelos docentes são eficazes para promover um aprendizado produtivo. Porém, é de suma importância levar em consideração essas percepções negativas com sensibilidade, com o objetivo de sempre aprimorar as práticas de ensino para atender à necessidade de todos.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa abordou as concepções de linguagem na prática docente, permitindo responder à questão proposta, ou seja, compreender como essas concepções influenciam e orientam as práticas pedagógicas dos professores, especialmente os de Língua Portuguesa. Dessa maneira, foi definido como objetivo geral da investigação analisar como professores de Língua Portuguesa da Educação Básica compreendem as concepções de língua e como as aplicam na prática docente, bem como, o reflexo disso na forma como os discentes lidam com a disciplina Língua Portuguesa.

Depois de realizados todos as etapas delineadas para o desenvolvimento da pesquisa, com base nas análises feitas, pode-se afirmar que os professores percebem a linguagem no contexto social como um meio de interação. Nessa visão, a maneira como ela é entendida influencia as práticas implementadas durante o ensino e, conseqüentemente, o aprendizado do aluno em relação à disciplina.

A pesquisa realizada com os professores mostra que há uma similaridade nas concepções adotadas por eles, chegando à conclusão de que a linguagem como lugar de interação é a concepção adotada em suas práticas. Contudo, ao analisar a perspectiva discente, essa concepção apresentada pelos docentes destoa em relação àquelas observadas nas metodologias de seus professores, uma vez que, de acordo E1A, nas práticas do professor há a predominância da linguagem como instrumento de comunicação e, dos resultados obtidos de E2A, a linguagem como expressão do pensamento e instrumento de comunicação foram as que mais se destacaram.

Assim, fica claro que, de acordo com a perspectiva dos alunos, nas práticas pedagógicas de PE1 não predomina a concepção de linguagem por ele informada e PE2 afirma que utiliza uma perspectiva interacional da linguagem, porém a percepção dos alunos sugere uma visão diferente: a linguagem como expressão do pensamento e como instrumento de comunicação.

Os resultados demonstraram que as concepções adotadas pelos dois professores são praticamente as mesmas e, por mais que se destoa do que falam os teóricos e os documentos orientadores de ensino, têm sido eficazes na promoção do ensino e na aproximação dos alunos à disciplina Língua Portuguesa.

É importante ressaltar que, embora a concepção de linguagem como forma/lugar de interação seja a que deve permear dentro das práticas

metodológicas/pedagógicas do professor, sua implementação ainda enfrenta diversos desafios que incluem: o grande número de alunos em sala de aula, impossibilitando que determinadas atividades desenvolvidas pelos professores tenham um bom êxito, por inviabilizar, muitas vezes, a plena participação de todos os alunos; as dificuldades de leitura e escrita de alguns alunos; as condições precárias das escolas e a falta de recursos para atividades interativas. Além disso, a formação continuada dos professores, que muitas vezes são insuficientes ou simplesmente nem ocorrem, também contribui para a persistências de métodos tradicionais, centrados na gramática, no falar certo. Essa realidade limita as possibilidades de promover um aprendizado significativo e contextualizado.

Portanto, acredita-se que esta pesquisa auxiliou na compreensão de como os docentes de Língua Portuguesa das escolas públicas pesquisadas concebem e aplicam as concepções de linguagem dentro de suas metodologias de ensino, além de entender a percepção dos alunos nesse contexto e a maneira como eles lidam com a disciplina Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEVEDO, Josilete Alves Moreira de. **Transpondo saberes no ensino de língua portuguesa**: saberes didático-pedagógicos e concepções de linguagem. Rio Grande do Norte, 2013.

ARAÚJO, Maria Dolores Martins de; FILHO, Sinval Martins de Sousa; LIMA, Lucielena Mendonça de. Espelho, espelho meu: concepções de linguagem e ensino de gramática/análise linguística no ensino médio. **Percursos Linguísticos**, v. 8, n. 18, p. 272-291, 2018.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARROS, Lecijane da Silva. **Concepções de Linguagens e prática docente**: uma reflexão acerca do ensino de LP a partir do uso de sequência didática na EJA. Araguaína – TO, 2015.

BASTOS, Jennifer Ester de Sousa. *et al.* O Uso do Questionário como Ferramenta Metodológica: potencialidades e desafios. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 3, p. 623-636, 2023.

BRÄKLING, Kátia L. Concepções de Linguagem e suas Implicações para a Prática Pedagógica. **Língua Portuguesa**. Módulo, v. 1. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARNEIRO, Roberta Pizzio. Reflexões acerca do processo: ensino aprendizagem freiriana e biocêntrica. **Revista Thena**, v. 9, n. 2, 2012.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vick L. Plano. **Pesquisa de métodos mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

DELLAGNELO, Adriana Kuerten; RIZZATTI, Mary Elizabeth Cerutti. **Introdução aos Estudos da Linguagem**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011.

- GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, 2001.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, I. G.V. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LIMA, Karina de Oliveira; CUNHA, Liédja Lira da Silva. A concepção de linguagem na formação de professores de língua materna dos anos iniciais do ensino fundamental: o que orientam os documentos oficiais? **Revista Labor**, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 07–28, 2024.
- POKORSKI, Maria Melania Wagner F.; POKORSKI, Luís Antônio Franckowiak. A linguagem constituinte do ser humano. **Estudos de Psicanálise**, n. 38, p. 97-103, 2012.
- PRADO, Arthur Ângelo de Oliveira. **Concepções de língua (gem) e de ensino de língua portuguesa na perspectiva do aluno**. Belo Horizonte, 2019.
- RAMOS, Rosilândia Flávia de Lima. **A concepção de leitura de educador do Campo: reflexões sobre a formação docente**. João Pessoa, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2008.
- SILVA, Cleudiane Gama; PEREIRA, Eliúde Costa. A linguagem como lugar de interação em documentos orientadores do ensino. II Semana acadêmica de Letras “entre palmeiras e sabiás”. **Revista Uema**, v. 1, p. 7–16, Zé Doca, 2024.
- SILVA, Danielle Sousa; DE FREITAS LEITE, Francisco. O subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato no Círculo de Bakhtin. **Migulim-Revista Eletrônica do Netli**, v. 2, n. 2, p. 38-45, 2013.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- VITTI, Sylvia Cristina de Azevedo. A língua como elemento constitutivo da identidade e cultura. **Revista Foco**, v. 17, n. 6, p. e5201-e5201, 2024.

APÊNDICES

Apêndice A



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS ZÉ DOCA
CURSO DE LETRAS**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa, não participe contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Eu, ~~Cleudiane~~ **Cleudiane Gama da Silva**, acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Zé Doca, gostaria de lhe convidar para participar de uma pesquisa sobre **"Concepções de linguagem e prática docente"**.

Essa pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), orientado pelo Prof. Dr. ~~Elide~~ **Elide Costa Pereira (UEMA – Campus Zé Doca)**. Essa pesquisa utilizará como instrumento para coleta de dados: a aplicação de questionários a professores de Língua Portuguesa e alunos das escolas Ney Braga e Professora Dinare Feitosa. Participando da pesquisa, você estará contribuindo para que se amplie o conhecimento em relação às concepções de linguagens adotadas por professores da Educação Básica no processo ensino-aprendizagem, no âmbito do componente curricular Língua Portuguesa, e os reflexos disso na formação dos discentes. Informamos também que não haverá riscos de qualquer natureza e que nenhum participante receberá pagamento para participar da pesquisa.

Destacamos, ainda, que, a qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando da pesquisa e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: ~~Cleudiane~~ **Cleudiane Gama da Silva (Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão)**

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão – Campus Zé Doca)

Endereço: Rua Rio Branco, S/Nº - Centro – Zé Doca – MA - CEP: 65.365-000

Telefones p/contato: (98) 3366-7626 / 983002938 / (98) 984068086

O abaixo-assinado, _____, _____ anos, RG nº _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste Termo.

Nome do voluntário	Data	Assinatura
Nome do pesquisador	Data	Assinatura

Apêndice B

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS ZÉ DOCA CURSO DE LETRAS PROJETO DE PESQUISA: CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM PESQUISADOR(A): Cleudiane Gama da Silva ORIENTADOR: Prof. Eliúde Costa Pereira TERMO DE AUTORIZAÇÃO Eu, _____, pai/mãe do(a) aluno(a) _____ do Centro de Ensino _____, autorizo o(a) meu/minha filho(a) a participar da pesquisa Concepções de Linguagem e Prática Docente, respondendo questionários e constituindo-se como efetivo colaborador da investigação científica. _____, _____ de _____ de 2024. _____ Assinatura do responsável

Apêndice C

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
 PROJETO DE PESQUISA: Concepções de linguagem e prática docente nas escolas públicas Ney Braga e Profª
 Dinare Feitosa, localizadas no município de Bom Jardim - MA
 PESQUISADORA: Cleudiane Gama da Silva (Acadêmica de Letras)
 ORIENTADOR: Prof. Dr. Eliúde Costa Pereira

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO A DOCENTES

1 IDENTIFICAÇÃO:

Nome completo: _____
 Idade: ____ anos Sexo: Masculino () Feminino ()
 Escola: _____
 Série: ____ Turno: _____
 Contato (celular ou e-mail) – opcional: _____

Prezado(a) professor(a), solicitamos a sua colaboração com a nossa pesquisa, por meio do preenchimento do presente questionário, que tem como objetivo recolher informações relacionadas ao **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o tema: Concepções de linguagem e prática docente nas escolas públicas Ney Braga e Profª Dinare Feitosa, localizadas no município de Bom Jardim – MA.** As informações colhidas por meio deste questionário objetivam contribuir para o conhecimento/compreensão de como os docentes de Língua Portuguesa lidam com as concepções de linguagem em suas práticas pedagógicas e o impacto disso na relação que os discentes estabelecem com essa disciplina. Esclarecemos que a privacidade dos participantes será preservada e a divulgação das informações ocorrerá de forma anônima, sendo que os originais serão mantidos sob a responsabilidade da pesquisadora bolsista responsável pela pesquisa, acima identificada. Agradecemos, antecipadamente, sua colaboração.

1. A sua formação principal é:

- () Letras – licenciatura plena
 () Letras (cursando)
 () Outro curso – Qual?: _____

2. Em que instituição você realiza/realizou a sua formação para a docência (graduação)?

3. Há quantos anos você leciona a disciplina Língua Portuguesa?

- () Menos de um ano () Quatro a cinco anos
 () Um ano () Seis a dez anos
 () Dois a três anos () Mais de dez anos

4. Em sua opinião, qual a função da linguagem no contexto social?

5. Qual(is) concepção(ões) de língua(gem) predominou/predominaram nas práticas dos docentes ao longo de sua formação na graduação? Justifique sua resposta.

6. Como você lida com as diferentes concepções de língua(gem) na docência em Língua Portuguesa? Há predominância de alguma delas? Em caso positivo, qual?

7. Quais os reflexos na formação dos discentes em relação à(s) concepção(ões) de linguagem adotada(s) por você em sua prática docente?

8. Como os alunos reagem à sua prática docente em função da(s) concepção(ões) de língua(gem) que você adota?

Obrigado pela sua colaboração!

Apêndice D

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
 PROJETO DE PESQUISA: Concepções de linguagem e prática docente nas escolas públicas Ney Braga e
 Profª Dinare Feitosa, localizadas no município de Bom Jardim - MA
 PESQUISADORA: Cleudiane Gama da Silva (Acadêmica de Letras)
 ORIENTADOR: Prof. Dr. Eliúde Costa Pereira

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO A DISCENTES

1 IDENTIFICAÇÃO:

Nome completo: _____

Idade: ____ anos Sexo: Masculino () Feminino ()

Escola: _____

Série: ____ Turno: _____

Contato (celular ou e-mail) - opcional: _____

Prezado(a) aluno(a), solicitamos a sua colaboração com a nossa pesquisa, por meio do preenchimento do presente questionário, que tem como objetivo recolher informações relacionadas ao **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o tema Concepções de linguagem e prática docente nas escolas públicas Ney Braga e Profª Dinare Feitosa, localizadas no município de Bom Jardim - MA**. As informações colhidas por meio deste questionário objetivam contribuir para o conhecimento/compreensão de como os docentes de Língua Portuguesa lidam com as concepções de linguagem em suas práticas pedagógicas e o impacto disso na relação que os discentes estabelecem com essa disciplina. Esclarecemos que a privacidade dos participantes será preservada e a divulgação das informações ocorrerá de forma anônima, sendo que os originais serão mantidos sob a responsabilidade da pesquisadora bolsista responsável pela pesquisa, acima identificada. Agradecemos, antecipadamente, sua colaboração.

1. Em sua opinião, qual a função da linguagem no contexto social?

Você sabe o que são concepções de linguagem? É possível que você ainda não tenha conhecimento sobre elas, por isso, vamos aqui fazer uma breve abordagem sobre cada uma delas:

- a) **Linguagem como expressão do pensamento:** uma das mais antigas concepções, na qual o foco se volta para o uso da linguagem como meio de transmitir pensamentos, ideias e percepções sobre o mundo; com base nela, o professor exerce uma ação pautada no caráter lógico e prescritivo da linguagem, materializado em um conjunto de regras fixas centradas no “certo” e o “errado”.
- b) **Linguagem como meio/instrumento de comunicação:** o foco está no código e o falante é visto como um repetidor de regras; a linguagem é vista como uma competência e o texto é entendido como um modelo a ser seguido; o professor exerce uma ação pautada no caráter descritivo, focando apenas nas estruturas gramaticais, ou seja, nas regras da gramática.
- c) **Linguagem como forma de interação:** o foco está na interação, a língua é vista de forma dinâmica e se adapta às situações de comunicação; o enunciador e o coenunciador participam ativamente do processo e a gramática é contextualizada; nessa concepção o

professor exerce uma ação pautada na interação, usando o texto de forma dinâmica, além de considerar os conhecimentos prévios dos alunos.

2. Considerando essa breve abordagem sobre cada uma das concepções de linguagem, qual(is) delas predomina(m) na prática de seu/sua professor(a) de Língua Portuguesa? (Mais de uma opção pode ser assinalada)

- ☐ Linguagem como expressão do pensamento
- ☐ Linguagem como meio/instrumento de comunicação
- ☐ Linguagem como forma de interação

3. Analise as três situações/perspectivas de trabalho com a disciplina Língua Portuguesa e indique qual(is) delas é/são mais frequente nas práticas desenvolvidas por seu/sua professor(a) dessa disciplina? (Mais de uma opção pode ser assinalada)

Situação 1: Perspectiva precritiva/normativa de ensino de Língua Portuguesa

Aluno: - Professora, posso ir no banheiro?

Professora: - Você vai para onde? O banheiro já chegou para levá-lo? O correto é: "Posso ir ao banheiro?"

Situação 2: Perspectiva descritiva de ensino de Língua Portuguesa

Aluno: "Professora, posso ir no banheiro?"

Professora: - Sim!

Depois que o aluno volta do banheiro:

Professora: - Pessoal, aproveitando a pergunta de ..., agora há pouco, lembro que o verbo "ir" exige preposição "a". Assim sendo, do ponto de vista da norma padrão, diz-se: "Posso ir ao banheiro?"

Situação 3: Perspectiva interativa de ensino de Língua Portuguesa

"Um professor propôs uma produção textual aos seus alunos e, após a avaliação das produções, listou as principais dificuldades gramaticais dos discentes, entre as quais, inadequação no uso da regência verbal. O docente prepara uma aula para discutir isso com os alunos, explorando o funcionamento disso em diferentes normas: padrão e coloquial, por exemplo."

- ☐ Situação 1
- ☐ Situação 2
- ☐ Situação 3

4. Em decorrência da(s) concepção(ões) de linguagem adotada(s) por seu/sua professor(a) de Língua Portuguesa, conforme questões/situações acima, você considera que o ensino dessa disciplina: (Em cada bloco de alternativas, escolha uma delas)

Bloco 1:

☐ facilita a compreensão dos conhecimentos trabalhados na disciplina.

☐ dificulta a compreensão dos conhecimentos trabalhados na disciplina.

Bloco 2:

☐ contribui para aproximá-lo(a) da disciplina e, conseqüentemente, ter uma visão mais positiva sobre sua própria língua materna, a Língua Portuguesa.

☐ contribui para distanciá-lo(a) da disciplina e, conseqüentemente, ter uma visão negativa sobre a sua própria língua materna, ou seja, considerar que a Língua Portuguesa é difícil, complicada.

Obrigado pela colaboração!